



# **A** CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira  
Manuel Ferro  
Coordenação

## “DISPARATES” OU BOM SENSO DE CAMÕES?

1. As referências às trovas camonianas conhecidas pelo nome de “*Disparates*” são quase todas no sentido de salientar, nestas estâncias, um certo tom satírico e versos confusos, envergando traje adequado - a “medida velha”. E digo adequado, porque, palaciano que foi, deixou de ser creditada a este metro, como sabemos, nobreza estética suficiente para poesia de elevada inspiração. Assim, julgar-se-á ajustado a esta composição que se afigura, de certa maneira, continuadora dos moldes lúdicos e frívolos da poesia paçã dos nossos cancioneiros, e que figurou logo na 1ª ed. das *Rimas «dirigidas ao muito Ilustre Senhor D. Gonçalo Coutinho»* há justamente quatro centúrias.

É evidente que não é a literariedade a característica fundamental destes versos. Porém, é igualmente consabido que jamais seria a adopção da redondilha que iria impossibilitar-lhes, como a qualquer composição, a essência verdadeiramente poética. O uso exclusivo desta medida é que cansou, tornou-se monótona, mas não obsteu à graciosidade ou emoção lírica de tantas *rimas*. E lembrar *Sóbolos rios* é já um “lugar-comum”.

Mas, se não é este o caso das trovas em apreço, não é menos certo que, a uma leitura global, feita do ângulo semântico, algo de sério se imponha, seriedade que decorre da notória intenção do destinador: a crítica ao ambiente que o cerca, focando aspectos nada exemplares e personagens com eles relacionados. Isto, aliado à maneira como o faz, leva a que, quanto à *Lírica*, seja esta composição das únicas apontadas a Camões como próxima da sátira<sup>1</sup>. E também não será este parentesco ou mesmo a inclusão, sem modalizantes, no género, a inferiorizá-la. Bastará recordar que o conheceu bem a Idade Média, por ele nutriu simpatia o Renascimento (não fora a sátira, aliás, gerada na Antiguidade Clássica), perpassou pelos períodos subsequentes, não tendo deixado de ser cultivado até ao nosso século.

2. Passemos, porém, a atentar mais detalhadamente no texto.

De acordo com a epígrafe – Trovas do autor, na Índia, conhecidas pelo nome de “Disparates” – e com o conteúdo, podemos localizar a sua elaboração no espaço e consequentemente no tempo.

---

<sup>1</sup> Cf. António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Ed., Lda. <sup>8</sup>1975, p. 344.

Encontra-se o autor na Índia e, conforme o douto conde de Ficalho, caíra

“no meio daquela sociedade de Goa, onde a intriga baixa, a venalidade descarada, o orgulho balofo dos nescios, as bravatas dos falsos valentes, a grosseria estúpida dos devassos, irritavam todas as susceptibilidades do seu fino espírito de poeta.”<sup>2</sup>

Portanto, o conhecimento de atropelos e infracções, postergando toda a sorte de valores, levam o poeta a reflectir. E as suas cogitações apontam, mais uma vez, para o *desconcerto do mundo*, temática frequente do seu poema, expresso, umas vezes, com ligeiro humor, outras, com profundidade intensa, própria realmente de *fino espírito*.

Optou aqui pela sátira e, por este processo, ridiculariza e reprova os feitores dos apontados desmandos. O assunto não é, portanto, ligeiro: afecta a sociedade que o rodeia, e daí que o não descure também nas suas cartas, nomeadamente na que envia da Índia e nos possibilita a aproximação do seu conteúdo com o das trovas em análise.

Nestas, além da presunção de remota ou pretensa nobreza, é a vaidade em exibição caricata dos que, alcandorando-se com actuação duvidosa, «*chamam logo a el-Rei compadre*» (1<sup>a</sup> est.)<sup>3</sup>, são a cobardia e a hipocrisia de tantos responsáveis em cujo peito desejaria a intervenção de Momo, para que os verdadeiros sentimentos estivessem a descoberto, são as falsas amizades dos que «*se vos vêm em perigos / escarram-vos nas paredes*» (8<sup>a</sup> est.), e ainda o desprezo da justiça, a corrupção, o despotismo para com os humildes.

Ora, na mencionada carta da Índia, «*terra que é mãe de vilões ruins e madrasta de homens honrados*»<sup>4</sup>, denuncia precisamente a mesma coisa. Ele próprio, se ali se encontra, deve-o, afinal, a procedimentos semelhantes de que, na Pátria, foi vítima. Na verdade, a injustiça e a ingratidão, intimamente ligadas a invejas, inimizades e falsidades, forjaram-lhe esse afastamento.

Mas não só nesta carta comenta e censura tais desmandos. Os enfadonhos gabarolas e as pretensões de fidalguia de que troça refere-os, em tom idêntico, numa outra – a de Ceuta – o que prova não só que os homens são os mesmos, em situações análogas, como ainda o desencanto do autor por toda esta mentalidade e forma de agir, sendo impellido a desabafar em denúncia e crítica, como poeta ou recorrendo ao meio normal da carta. Por esta razão, a afinidade entre os *Disparates* e a correspondência camoniana torna-se evidente.

É flagrante, por exemplo, a semelhança entre versos da estância 12 das trovas e um passo da mesma carta de Ceuta. Escreveu nesta:

---

<sup>2</sup> Conde de Ficalho, *Garcia da Orta e o seu Tempo*, temas portugueses, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, reprodução fac-similada da 1<sup>a</sup> edição, 1983, p. 211.

<sup>3</sup> Todas as citações de *Disparates* são feitas da edição “Luís de Camões”, *Rimas*, texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão, Coimbra, Atlântida, 1973, pp. 97-102.

<sup>4</sup> Luís de Camões, *Obras Completas*, com prefácio e notas de Hernâni Cidade, vol. III, Sá da Costa, Lisboa, 1946, p. 245.

“Príncipes de condição, ainda que o sejam de sangue, são mais enfadonhos que a pobreza: fazem com sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias de seus avós, onde não há trigo tão joeirado que não tenha alguma ervilhaca.”<sup>5</sup>

Dizem os versos, tão ao sabor vicentino:

“Ó tu, como me atarracas,  
escudeiro de solia,  
com bocais de fidalguia,  
trazidos quasi com vacas;  
importuno a importunar,  
morto por desenterrar  
parentes que cheiram já!”

Mais ainda: continuando, na última carta referida, a discretear sobre os *desconcertos/disparates* que observa, lamenta, a certa altura: «*Mas assim entrou o Mundo, e assim há-de sair*», sentenciosa conclusão que, qual provérbio, fecha a estância 5. Só que, nesta, os dois membros estão ligados por parataxe.

E eis-nos, pois, perante mais do que o indício de que a aproximação dos textos em sede ultrapassa o domínio da mensagem e contempla o próprio registo do discurso. É que este congrega, em ambos os textos, além dos que acabei de citar e dos que ainda lembrarei, um conjunto de elementos materiais, sejam provérbios ou versos doutros poetas, sejam os seus, em intertextualidade homo-autoral, cuja presença não pode passar despercebida.

Logo na primeira estrofe, o quarto verso “*todos somos del merino*” é o que se lê *ipsis verbis*, na carta III, onde ocorrem ainda os três versos com que fecha a quarta estância:

“na paz mostram corações,  
na guerra mostram as costas:  
*porque* ‘Aqui torce a porca o rabo’”

3. Examine-se, agora, outro aspecto da mensagem e respectivo discurso que, aliás, continua a deixar pressupor as relações entre os textos em confronto.

Nos *Disparates*, com a referência a vários destinatários, há a preocupação de vincar que a mensagem é, como na correspondência, expressamente destinada, o que está de acordo com o motivo inspirador e sobretudo com o mencionado propósito de denúncia e censura o que, de certo modo, faz lembrar literatura de intervenção.

Tem a ver o facto com as reflexões expendidas pelo emissor (que mal resisto à tentação de designar por narrador) à volta da oposição *bons/maus* que surge logo na primeira estância.

Separa o destinador dois mundos, no dia-a-dia, – o dos *maus* e o dos *bons* – e confere o papel da demarcação a deícticos, nomeadamente pessoais, expressamente registados alguns, implícitos outros nas desinências verbais.

---

<sup>5</sup> O.C. p. 234.

Deste modo, após considerar que, efectivamente, neste mundo, “bons e maus/*todos* (o itálico é meu) somos *del merino*”, a adversativa *mas* surge acentuando o distanciamento do emissor relativamente aos *maus*. Com efeito, na primeira pessoa do plural que o engloba – «*todos somos*» – passa a uma terceira bem explícita: «Mas os *maus* são de teor». Com credenciais dos *bons* está, portanto, o poeta em condições de, em moldes críticos, revelar as prevaricações, o que o leva, mais que a demarcar-se, a opor-se-lhes. Os deícticos *eu* e *tu*, face a face, na segunda estância, assinalam a oposição e permitem a identificação do *eu* com o autor textual que doa uma mensagem real ou fictícia – eu digo –, introduzida no texto com uma finalidade exemplificativa, a uma segunda pessoa – *tu*. Esta, um dos maus, assume papel de destinatário para ser invectivada: «*tu insanus es*», invectiva que vem logo após a jactância dum pelintra.

Destas interperlações e congéneres, e bem ainda doutros factos, dá, assim, conhecimento a um outro destinatário: *vós* (est. 14), leitor pretendido, bem expresso, a quem se dirige, apelativamente, em versos que reputo paradigmáticos:

“Ó vós quem quer me ledes,  
que haveis de ser avisado.”

Para este requer, pois, a qualidade de *avisado*, requisito em conformidade com quem automaticamente se movimenta no círculo dos bons e será, por consequência, receptivo e sintonizado com a crítica formulada. Outra atitude não poderá efectivamente esperar-se, face a esta visão nada optimista da sociedade com que deparou.

O estado de coisas é tal que, em discurso ainda apelativo, pretende dos «secretários das consciências reais» – outro narratário forçosamente englobado no círculo dos bons e com poder de acção – medidas que sustentem o roubo desenfreado.

Empreguei o signo narratário, dado que o tom narrativo é por demais evidente e parece casar-se à maravilha não só com o alvo visado, mas ainda com o uso, no discurso, de provérbios e sintagmas de área afim. Penso mesmo que este registo paremiológico é elemento de grande importância na composição.

Frase curta, que longo amadurecimento criou, o adágio é, como conhecemos, a síntese duma sabedoria que a experiência conferiu. São uns património de todos os povos, dir-se-ão outras regras que cada povo extrai da observação da natureza que o cerca ou da conduta dos seus pares e, por isso mesmo, a ter em conta na utilização que fazemos da vida. Daqui que, assinalados pela experiência, e produto colectivo, por eles se afirmam procedimentos e lancem veredictos.

Como tal, o carácter sentencioso do aforismo é, no texto, concordante com a índole da mensagem camoniana e a sua colocação assume também papel de relevo. É que, qual refrão, a encerrar a maioria das estâncias, além de atrair a atenção, reforça a nota conceituosa, sendo por assim dizer, um epifonema.

Efectivamente, em dez das dezoito estâncias dos *Disparates*, a conclusão termina sentenciosamente com expressões nossas familiares, respeitadas umas pelo tempo, ligeiramente alteradas outras, mas guardando sempre a precisa conotação em consonância com a sua génese e propósito.

Vejam os que assim é:

“Quem torto nasce, tarde se endireita”.  
“Honra e proveito não cabem num saco”.  
“Pan e vino anda el camino, que no mozo garrido”.  
“Aqui torce a porca o rabo”.  
“Assi entrou o mundo, assi há-de sair”.  
“Quer cobrir o céu c’ûa joeira”.  
“De rabo de porco nunca bom virote”.  
“Lá vão leis, onde querem cruzados”.  
“Quem porcos há menos, em cada mouta lhe roncam”.  
“O abade donde canta, daí janta”.

Aliás, expressões deste âmbito, tantas vezes salpicadas de ironia, são, sem dúvida, bem do gosto do poeta que as dissemina por toda a obra, sem excluir *Os Lusíadas*.

4. Todavia, relativamente a esta escolha, parece-me existir ainda um factor a ponderar: a possibilidade, pouco realçada, da influência do introdutor entre nós dos novos moldes.

Ninguém põe em causa, usando as palavras de Pina Martins, que Sá de Miranda «está na origem da renovação poética que havia de dar à literatura o nosso maior génio literário: Luís de Camões»<sup>6</sup>.

Porém, creio que tal repercussão não se limitou, na obra camoniana, marcando-os embora com o sinete individual, à adaptação dos cânones que o “homem de antes quebrar que torcer” divulgou. A este facto aliar-se-ia o da vigorosa personalidade espelhada nas conceituadas e conceituosas críticas de tantas redondilhas pensadas e redigidas por terras minhotas de Bouro e Basto e que terão calado no autor de *Disparates*.

Não é verdade, com efeito, que essa poesia mirandina de carácter pragmático e moral, jogando tantas vezes com os princípios comezinhos, mas eternos, da sabedoria das nações é do âmbito em que especificamente se movem os mesmos *Disparates*?

Quanto ao tom de passatempo cortesão, a que aludi, não contraria esta aproximação. Pode inscrever-se no *ridendo castigat mores* que presidiu a tantas produções. E a intenção é idêntica à que, aliada à condição de inovador, granjeou reverência de mestre a Sá de Miranda. Intencionalidade e preocupação que venho mencionando e das quais a parábola do Bom Pastor e a expulsão dos vendilhões para que, em intertextualidade, Camões parece remeter são reforço. E virá a propósito lembrar que à sátira foi atribuído um papel moral idêntico ao do sermão dos pregadores cristãos<sup>7</sup>, como não será despiendo ter presente que a parábola é recurso que os Evangelhos, no seu papel normativo, preferem e que se inscreve no universo paremiológico concorde com a semântica que domina todo o texto.

Creio que os versos em que me abono, e que transcrevo, não terão outro intuito, creditado ainda pelo lugar de realce que lhes é conferido: o fecho da composição.

---

<sup>6</sup> Cf. Verbo/Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, s.v. Miranda (F. Sá de).

<sup>7</sup> Cf. Pascal Debailly, *La poétique de la satire classique en vers, au XVI<sup>e</sup> siècle et au début du XVII<sup>e</sup>*.

“Por isso, gentis pastores,  
vos chama a vós mercadores  
um só que foi pastor bom.”

Dentro da linha de pensamento que venho expendendo, curioso é igualmente o facto de a Índia ter tocado os dois poetas.

Sá de Miranda não se movimentou por essas paragens, mas na carta ao Senhor de Basto, por exemplo, os referentes *canela*, *pardaus*, *óleos*, simbolizam bem o estonteamento que, segundo ele, essa Índia gerara e de todos se apoderou, levando, por causa de tais fumos, dessa *clara peçonha*, ao abandono da *madre antiga*. Estas contundentes reflexões, propiciadas pelo remanso da Tapada acerca do alarmante fenómeno, têm inspiração em área cognata das trovas em sede, geradas, repito, no meio social da Velha Goa, favorável talvez ao jeito de tratá-las. É que, no intervalo das durezas e privações das lides militares ou aprisionado pela monção que abafa uma vegetação espectacular, poeta que era, afeiçoava Camões às circunstâncias esse impulso, integrando-o nos entretenimentos e estúrdias com jovens fidalgos.

Garante credível de que não se trata de hipóteses gratuitas se nos oferece ainda o mesmo conde de Ficalho quando transcreve em *Garcia da Orta e o seu Tempo* algumas das trovas que o nosso poeta colocara em cima dos pratos dos convidados para uma ceia, com os quais pretendia superar a escassez da mesma. Conciliava, deste modo, o ambiente de agradável convívio com o humor acerca da sua pobreza que obstava a que retribuísse, com idêntica abundância, as refeições para que o convidavam porcas e fidalgos, então em Goa, e cuja roda frequentava.

Com esta leitura não pretendo, por forma alguma, como de início afirmei, quer admitindo a influência de Sá de Miranda, quer salientando o valor da temática, pôr estas “Trovas do Autor, na Índia...” ao mesmo nível da sua ímpar poesia, seja ela regida por velho ou novo código. Subalternizá-las-ia sempre a citada falta de clareza dalguns passos. Entendo, porém, que são subsídio a não relegar para o estudo da poesia camoniana, em geral, e da história da sociedade da época. Outro não é, aliás, o entendimento daqueles que, relativamente a um ou outro aspecto, nos *Disparates* se têm abonado com o intuito acabado de referir.

5. E, antes de terminar, permitam-se-me algumas ligeiras considerações.

Nos nossos dias, a produção de considerável número de proclamados poetas e críticos da mesma, leva muitos de nós, utilizando as credenciadas palavras de Fernanda Botelho, «*a duvidar da nossa capacidade intelectual*»<sup>8</sup>. Não é só o trabalhar sobre a linguagem: é a destruição das leis do discurso poético, o enaltecimento da desconstrução, a negação do espaço semântico, e o invocar Lacan a cada passo, para uma possível interpretação.

No entanto, aos admiradores dessa poesia, lembro que parece altamente significativo que Nuno Guimarães, por exemplo, tão equiparado, no seu ludismo verbal, a João Cabral Melo Neto, tenha escolhido para *Corpo Agrário* a epígrafe camoniana: «*Ela viu as palavras magoadas / que puderam tornar o fogo frio*». Sendo assim, numa suposta

---

<sup>8</sup> Fernanda Botelho, in *Colóquio/Letras*, nº 120, p. 198.

análise comparativa e tendo mesmo em atenção todos os aspectos circunstanciais que possam ser aduzidos em prol do poetas hodierno, quem declarasse preferir os *Disparates* era capaz de não proferir disparates.